ALDEIA 91

JORNADAS REGIONAIS DE AGRICULTURA



RAÇAS AUTÓCTONES – QUE FUTURO?

ARCOS DE VALDEVEZ – 16 e 17 AGOSTO

REVISTA

ALDEIA 91

RAÇAS AUTÓCTONES – QUE FUTURO?

SUMÁRIO

— *Sumário* 1

— *Editorial* — Os bois barrosos
por Prof. Eugénio Castro Caldas 3

— Proposta modelo para a valorização da carne de bovinos de raças autóctones
por Eng.° Zoot. Fernando de Sousa 4

— Raça bovina barrosã
por Dr. José Leite 10

— NOVAGRI – Raças autóctones de bovinos na Região de Entre Douro e Minho — Que futuro?
por Eng.° Paes de Carvalho 14

— Raças autóctones e o seu valor comercial
por Eng.os Zoot. Virgílio Alves e José Carlos Almeida 17

— Turismo no espaço rural
por Francisco Calheiros 22

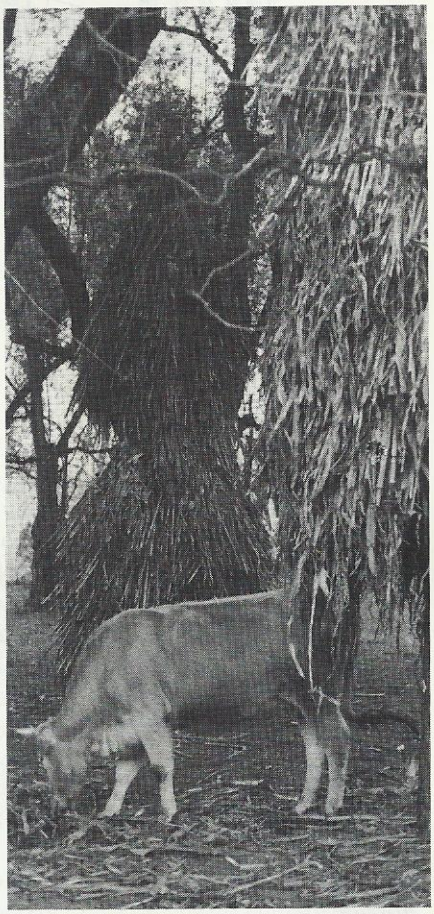
— O associativismo como instrumento de defesa e promoção da agricultura — Um exemplo
por Eng.° Ramiro Ribeiro de Almeida 24

— Garrano. Quem é esse selvagem?
por Eng.° José Campelo Rocha 26

— O cão de raça Castro Laboreiro
por Padre Aníbal Rodrigues 32

— O Podengo Português
por Victor Cristóvão Neiva 33

— Raça Galega
por Eng.° Zoot. Pedro Araújo 35



FICHA TÉCNICA

Edição: Abraão Veloso

Coordenação: Abraão Veloso e José Lima

Publicidade: José Lima

Revisão: José Esteves e Sérgio Veloso

Fotocomposição, impressão e montagem:
SOGAPAL - Sociedade Gráfica da Paiã
Casal da Fonte – Porto de Paiã
1675 PONTINHA
Tels. (01) 4790142 - 4790149 - 4796841 - 4780227
Fax (01) 4780226 — Telex 64831 SOGAP P

Propriedade: Aldeia 91

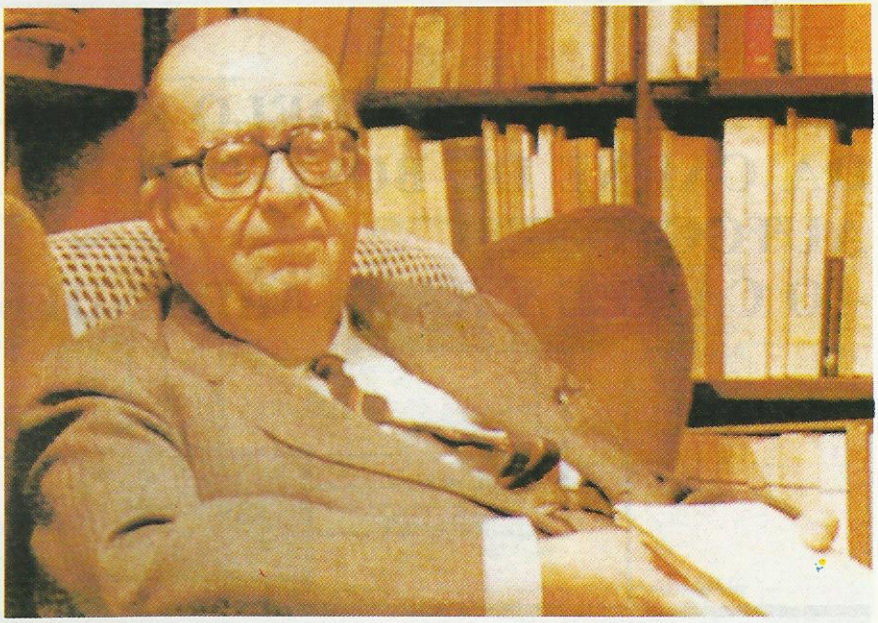
Tiragem: 3000 exemplares

Distribuição:
Rua Dr. Francisco Duarte, 365-1.°
4700 BRAGA
Tel. (053) 61 32 94 — Fax (053) 61 32 93

Depósito Legal: N.° 9368/5

Distribuição gratuita

EDITORIAL



Prof. Eugénio Castro Caldas

OS BOIS BARROSOS

A "revolução agrária" dos séculos XVII e XVIII, uma das motivações dos Descobrimentos, introduziu em Portugal o milho encontrado no continenete americano. Mercê do trabalho heróico dos camponeses, o mais generoso dos cereais do mundo, levou à construção de campos – prado, de socalcos, de bouças, para dispor do regadio e do estrume necessários. Foi sobre este espaço fecundo que a raça bovina da serra do Barroso, baixou a ser recriada. Antes, o pastoreio era pobre. Rebanhos de cabras vagabundas, ovinos lanudos e "gado do vento", bovino e equino, deambulavam entre as serras e as várzeas ribeirinhas a aproveitar o restolho das agras de cereais de sequeiro. Tal "revolução agrária" veio a permitir que os camponeses tomassem em suas mãos corajosas que haviam feito o regadio, a riqueza que a Raça Barrosã representava.

Os ingleses, que em Portugal haviam descoberto o vinho do Porto, o melhor do mundo, verificam também o espantoso valor da carne dos bois barrosos. Puseram-se nos portos, com o tilintar das libras a comprá-los. Sobre o Minho correu um caudal de ouro, transformado em cordões e filigranas que compunham o encanto das camponesas. Os bois eram embarcados vivos, e nenhuma libra se perdia em mãos de intermediários, porque os donos levavam as juntas pelos caminhos fora até ao mar, onde encontravam a bolsa dos compradores. Se outros negócios havia, era depois nos talhos de Inglaterra.

Historicamente, o Gado Barrosão, como produto do milho, constitui uma das bases da riqueza que no passado modificou o minho e a vida campesina. Chegaram a sair, por ano, 30.000 cabeças ornamentadas com explenderosos chifes em forma de lira. Mas, com o progresso industrial, este produto foi batido em Liverpool, pela concorrência de gado de baixa categoria que chegava dos recantos do mundo novo, frigorificado e disfarçado. Ao que parece, agora, a qualidade do boi barroso "vem ao de cima". Mas o barroso, como produto acabado, nunca poderá ser, de novo, animal vivo que os guindastes erguiam ao ar, precipitando-o depois nos negros porões dos barcos. Terá que passar em matadouros industriais onde podem ser geradas "mais valias" de alto interesse.

Que lugar vão ter nesse processo os camponeses de agora. Tão abandonados?

Pedem-lhes que produzam um bem raro da natureza que, tal como outros, pode não lhes render o valor inteiro, se não forem defendidos por matadouros de que sejam donos, segundo esquema de cooperativas modernas, de produtores autênticos, bem organizados e auxiliados para alcançarem a boa gestão. Se não nos acautelamos, acabamos por despertar, junto aos campos e bouças do boi barroso, com matadouros que valorizam carcaças de vacas leiteiras "excedentárias" da Europa.

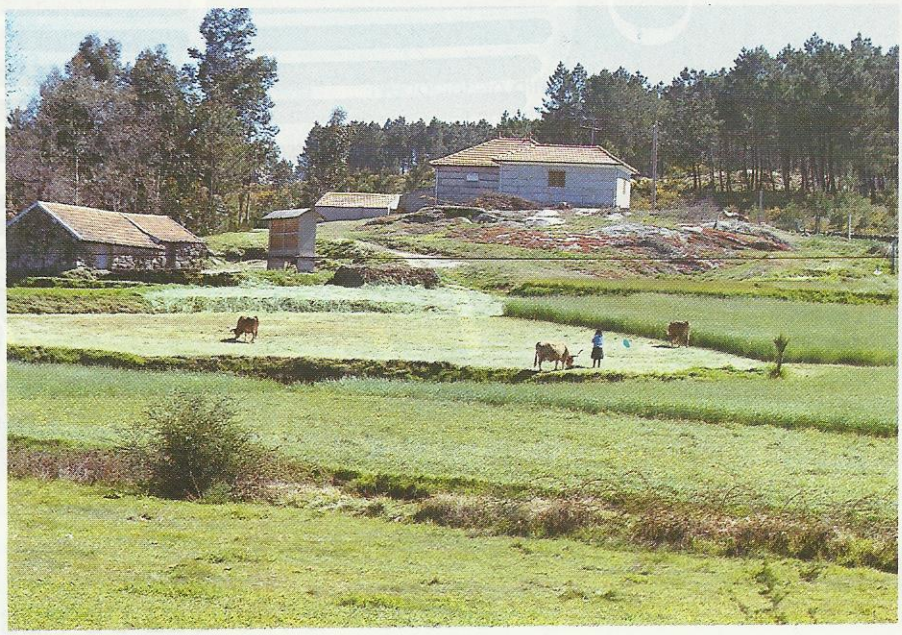


RAÇA BOVINA BARROSÃ

Por: Dr. José Leite
Secretário Técnico do Livro
Genealógico da Raça Barrosã

1 – Origem

A origem dos bovinos de raça Barrosão perde-se na ancestralidade dos tempos. Com opiniões contraditórias quanto à origem os prof.os Miranda do Vale e João Tierno, em que um diz ser oriunda do Norte de África e outro de origem intracontinental, perfilhamos a do primeiro que inclui a origem da raça Barrosã no Tronco Mauritánico, cujo ancestral paleoutológico, de tipo concave e brevilíneo foi denominado "*Bos Primigenius Mauritamicus*", sendo oriundo do Norte de África.



2 – Expansão e solar da raça

A raça Barrosão é oriunda do planalto de Barroso que lhe deu o nome. Os limites naturais deste planto são as serras do Larouco, a norte e a sul as serras do Gerês e Cabreira.

O Barroso ou "Terra de Barroso" abrange a maior parte dos actuais concelhos de Montalegre e Boticas, as freguesias de Campos e Ruivães, do concelho de Vieira do Minho e a de Gondiães do concelho de Cabeceiras de Basto.

A expansão da raça a partir do planalto de Barroso foi de tal ordem que descendo o anfiteatro minhoto chega a atingir os concelhos de Maia e Porto e no distrito de Viana do Castelo vais substituindo os bovinos de raça galega.

É neste período aureo da raça, que coincide com a segunda metade do século passado que se fez a penetração destes bovinos para Inglaterra, sendo repasto favorito de reis e princípes de tal ordem conhecida, que ainda hoje os resturantes londrinos usam o nome de "Portuguese Beef" para fazerem reclame à excelente carne de bovino barrosã que os seus antepassados comiam.

Hoje a realidade é bem diferente, no seu regresso às origens o solar da raça foi quase todo substituído por bovinos de características étnicas indeferidas em que os próprios lavradores só se interessavam com animais de grande porte em que imperou o vigor hídrido restanto uma freguesia do concelho de Montalegre que é Salto e mesmo nela se está a trabalhar no sentido de eliminar alguns animais portadores de sangue estranho à raça.

Os limites da raça Barrosã serão os concelhos de Cabeceiras de Basto, Fafe e Guimarães e a estrada que liga Braga a Monção sendo este concelho e o de Arcos de Valdevez onde há o maior número de bovinos barrosãos e os mais expressivos da raça.



3 – Caracterização dos efectivos

A raça barrosã é uma raça eumétrica, de perfil concave e brevilíneo.

As vacas têm uma pelagem castanha clara tendendo para a cor de palha ou para o acerejado sendo esta tonalidade mais frequente no Minho.

A zona palpebral, a orla envolvente do focinho, a face interna dos membros e a região mamária são mais claras.

A cabeça é curta e larga encimada por parte cornamenta em lira alta. O comprimento é duplo da largura tomada nas saliências orbitárias.

Tem uma armação córnea excessiva, quer em comprimento quer em expessura.

Projectando-se à nascença quase verticalmente os chifres desviam-se depois para os lados e seguidamente um pouco para a frente e para fora, por forma a apresentar nos adultos a figura de lira quando vistos de frente.

Os touros são sempre mais escuros principalmente no terço anterior.

RAÇA BARROSÃ

Efectivo de reprodução	35.000 vacas
Percentagem no efectivo:	
Nacional de reprodução	5,8
Aptidão	Carne
Peso vivo dos adultos:	
Machos	500 a 700 kg
Fêmeas	350 a 400 kg

Indicadores

A Reprodutivos

1 – Fecundidade	60 a 80%
2 – Idade ao 1.º parto	30 a 36 meses

B Produtivos

Carne

Testes individuais (machos) GMD	0,875 kg

As estimativas feitas sobre o efectivo da raça Barrosã em 1976 davam-nos os seguintes números:

- Um total de 114.457 bovinos distribuídos pelos distritos de Braga, Viana do Castelo, Vila Real e Porto, divididos por 25.648 machos e 88.709 fêmeas.

  Em 1959 esta estimativa dava-nos um efectivo de 55.070 machos e 126.957 fêmeas sendo portanto um total de 182.027 cabeças.

  Houve pois entre os anos que medeiam de 1959 a 1976 um decréscimo de 53,4% para os machos e 30,1% para as fêmeas.

  Hoje em dia não devemos ter mais de 30.000 bovinos atingindo esta redução percentual mais de oitenta por cento.

Livro Genealógico dos bovinos de raça Barrosã Registo Zootécnico

A sede do Livro Genealógico está situada em Lamaçães concelho de Braga, ocupando geograficamente o centro da área de dispersão dos bovinos de raça Barrosã.

Inciámos o Registo Zootécnico em Junho de 1981 tendo sido coordenador e mentor deste registo o dr. Manuel Leitão, médico veterinário, afecto à Direcção-Geral da Pecuária. Com ele trabalhou uma equipa composta por um médico veterinário, dr. José Leite, o secretário do livro, os engenheiros técnicos agrários eng.º Manuel Lima Leite e eng.º Carlos Araújo e dois auxilares técnicos de pecuária.

Hoje o Secretário Técnico está só com dois auxiliares técnicos de campo e dois funcionários administrativos.

Registámos já 23.700 animais.

Temos a funcionar 104 postos de cobrição com animais zootécnicos e etnicamente representativos, devidamente documentados, em que é feito um rigoroso controle do registo das cobrições.

São pagos ininterruptamente desde 1981, os prémios referentes ao nascimento de vitelos filhos de pais inscritos no registo zootécnico e desde 1986, o prémio de recria de vitelas, dos quais juntamos os mapas anexos.

Estão a ser escolhidos vários reprodutores machos para se fazer a colheita de semen, com vista a iniciarmos rapidamente a inseminação artificial.

Associação de criadores

Estão devidamente constituídas duas associações de criadores tendo as denominações seguintes:

- Associação do Minho de Criadores de Bovinos de Raça Barrosã – AMIBA, tendo esta por objectivo a defesa dos legítimos interesses dos seus associados no que se relaciona com a preservação, melhoramento, criação e comercialização dos bovinos de raça Barrosã.
- Associação Nacional dos Criadores de Gado de Raça Barrosã com sede na freguesia de Salto concelho de Montalegre.

Raça Barrosã Subtipo – Cachena

Existiram em quase todo o Parque Nacional da Peneda Gerês, cuja área se estende desde Castro Laboreiro, a poente até à serra da Bourela no concelho de Montalegre.

Raça de alta montanha com características de rusticidade inultrapassáveis, chegando mesmo a passar os

invernos rigorosíssimos ao ar livre, sendo a sua alimentação regra geral constituída por ervas raquíticas e mato menos endurecido que estas encontram em altitudes acima dos mil metros.

Os acidentes orográficos principais da área de dispersão do Cacheno são as serras da Peneda, Soajo, Amarela e Gerês.

Estão praticamente extintas mercê dos cruzamentos de absorção feitos com a raça Barrosã e até com outras raças.

Raça de porte muito pequeno não chegando a atingir um metro na altura ao garrote sendo das vacas mais pequenas do mundo.

Barrosã anunicado como já lhe chamaram tem também o nome de Vilarinhos em memória das populações desaparecidas de Vilarinho das Furnas e de Cabreiros que não esconde a ideia de não se saber onde estas se assemelham com as cabras.

É uma raça elipométrica, onde se destacam como características principais o comprimento da cabeça que é superior ao que medeia entre o dobro das arcadas orbitárias, sendo o chanfro recto com os cornos em parafuso fazendo lembrar um saca rolhas.

A pelagem assemelha-se muito ao da Barrosã, sendo castanho clara, tendendo para a cor de palha ou para o acerejado fazendo os animais de cor mais escura.

As vacas são óptimas criadeiras em que sobressai os úberes muito bem desenhados amamentando os vitelos até à idade de seis meses.

É aqui que está a sua base de exploração, sendo também aproveitadas em menos quantidade nos trabalhos agrícolas.

Área de dispersão:

Existiram prinpalmente nos concelhos e freguesias a seguir discriminadas:

- Melgaço, Castro Laboreiro, Parada do Monte e Gave, Monção, Riba de Mouro, Tangil, Marufe, Arcos de Valdevez, Sistelo, Gavieira, Rouças Adrão, Ponte da Barca, Lindoso, Britelo, Entre Ambos-os-Rios, Ermide, Vila Chã, (S. Tiogo) e Germil, Terras de Bouro, Brufe, Carvalheira, Campo do Gerês, Vilar da Veiga e Rio Caldo.

População estimada em 6.000 bovinos hoje não passam das poucas centenas, sendo a maioria cruzada com o barrosão.

Movimento do Registo Zootécnico da Raça Bovina Barrosã

Ano	Vacas inscritas	Vitelos registados	Postos de cobrição
1981	4 882	–	24
1982	6 169	532	60
1983	4 436	1 593	81
1984	866	2 151	82
1985	604	1 767	82
1986	1 027	2 414	77
1987	1 186	2 632	89
1988	1 192	2 574	91
1989	718	2 532	103
1990	1 017	2 404	103
TOTAIS	22 097	18 599	102

Raça Bovina Barrosã
Recria de Novilhas 1990

Concelhos	Recrias participadas	Prémios pagos	Importância
Amares	16	3	30 000$00
Arcos de Valdevez	90	29	290 000$00
Boticas	8	1	10 000$00
Cabeceiras de Basto	43	13	130 000$00
Fafe	14	1	10 000$00
Guimarães	5	–	–
Melgaço	3	1	10 000$00
Monção	137	67	670 000$00
Montalegre	100	33	330 000$00
Póvoa de Lanhoso	6	3	30 000$00
Ponte de Barca	1	–	–
Terras de Bouro	27	5	50 000$00
Vieira do Minho	33	7	70 000$00
Vila Verde	58	8	80 000$00
TOTAIS	541	171	1 710 000$00

